



v13n26
Julho-Dezembro de 2016
ISSN: 1984-9206

KANT E A DOCÊNCIA: O ENSINO DE FILOSOFIA EM VISTA DO CONCEITO DE FILOSOFIA COSMOPOLITA [KANT AND TEACHING: THE TEACHING OF PHILOSOPHY IN VIEW OF THE CONCEPT OF COSMOPOLITAN PHILOSOPHY]

José Henrique Alexandre de Azevedo

Professor do departamento de Filosofia da Faculdade Católica de Fortaleza, Brasil; Doutorando em Filosofia pela UNICAMP, Brasil.

E-mail: josehenriqueazevedo@hotmail.com

RESUMO

Kant foi professor universitário por mais de 40 anos (desde 1756 a 1797) na Albertina Universidade de sua cidade natal, Königsberg. Como docente, esteve sujeito por toda a sua vida a um sistema de ensino que, de fato, engessava o trabalho do professor, uma vez que suas aulas eram obrigatoriamente ministradas a partir de manuais previamente estabelecidos pelo conselho educacional do império prussiano. Podemos observar, com isso, que o ensino universitário da Prússia no século XVIII era ainda fortemente determinado por seu conceito medieval de ensino (escolástico). Desse modo, é sabido que Kant em suas lições universitárias sempre teve uma grande desconfiança quanto ao modo que se fazia Filosofia na academia de sua época, isto é, impregnada de grande erudição, belos discursos, mas extremamente vazia de intervenção social ou mesmo de uma formação para a vida cotidiana. Assim, aqui trabalharemos com a ideia de que o próprio contexto sócio-histórico-pedagógico a que Kant esteve sujeito contribuiu, sobremaneira, para a formulação do seu conceito de filosofia cosmopolita a partir de três passos: i- analisar o contexto sócio histórico durante seus anos de ensino universitário; ii- refletir acerca do modo como os seus anos de docência influíram na elaboração do seu conceito de Filosofia cosmopolita; iii- concluir, mostrando a filosofia como atividade que é não apenas encontrada em livros, mas também em uma prática diária de vida.

ABSTRACT

Kant taught at Königsberg Albetine University about 40 years (1756 to 1797). As a Professor, He was sunk in an education system, that disturbed the professor's job, once his classes was, requiredly, administered since manuals previously established by Prussian pedagogical council. We can observe, that the Prussian university teaching in XVIII century was, strogly, determinated, for his medieval education concept (scholastic). So, everyone knows that Kant, ins his university lessons, had a great mistrust about the way that philosophy was made in his academic age, i.e., impregnated of erudition, beauty speechs, but, extremely empty of social intervention or a building for ordinary life. Thus, we will work here with the idea that the social-historial-pedagogical context of Kant's teaching, contributed, excessively, to the formulation of his concept of cosmopolitan philosophy since three steps: i- to analyze the historic-social context in his university teaching years; ii- to reflect about how his teaching years influenced on the elaboration of his concept of cosmopolitan philosophy, iii- showing how the philosophy is activity, that is not just found in books, but, mainly, in an ordinary practice life.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino; Docência; Lições;
Filosofia; Cosmopolita

KEYWORDS

Education; Teaching; Lectures;
Philosophy; Cosmopolitan.

Os seus anos de ensino e o seu contexto sócio-histórico.

Lecionar, em qualquer contexto que seja, é uma tarefa difícil. Para passar um certo conhecimento aos ouvintes, o professor necessita de uma carga conceitual teórica rica e um ambiente que ajude ao aprendizado, dispondo, preferencialmente, de liberdade para o livre discurso que ele entenda enquanto tal. Este quadro, entretanto, Kant não experimentou, uma vez que a realidade das instituições de ensino superior de sua época revelava diretrizes extremamente rígidas. Segundo Fausto Castilho, acerca da universidade prussiana do século XVIII:

A relação entre docente e discente, melhor entre **doctrina e disciplina**, é a nota que a caracteriza. O aprendizado resulta do ensinado, relação que só perderia força definitiva a partir da inauguração da Universidade de Berlim, em 10 de outubro de 1810. Naquela universidade doutrinária do século XVIII, a aula é ministrada sobre um compêndio de uso forçoso. Ela ainda é entendida como leitura, **lectio, Vorlesung**, “lição” não só de nome, mas efetivamente. Para a maioria dos docentes, melhor, “lentes” alheios a todo esforço de pensar por si, ler significa literalmente ditar.¹

Desse modo, é de grande relevância a constatação de que Kant sempre concedeu aulas sob a direção da mão do estado prussiano e que as disciplinas que, por ventura, fossem ministradas pelo filósofo teriam de obrigatoriamente passar pelo crivo do conselho educacional do império. Por mais que se aspirasse por mudanças, que só ocorreriam com a criação da Universidade de Berlim, não era possível naquele momento ver efetivado qualquer dos anseios postos em teoria, pois nem mesmo durante o governo esclarecido de Frederico II, o grande², houve mudanças no sistema de ensino das universidades.

O estado prussiano durante o governo de tal monarca passava por uma forte sensação de avivamento da cultura e efetivação das liberdades individuais, mas que fora cessada por sua morte e a elevação de Frederico III como imperador. Houve nessa época um regresso das conquistas adquiridas e o adiamento da tão ansiada mudança do modo de proceder do ensino universitário, tanto que em portaria de 17 de outubro de 1778 o ministro da justiça e educação Abraham



1 Cf. Apresentação à primeira edição de Fausto Castilho. In: KANT, I. *Manual dos cursos de lógica geral* (Tradução, apresentação e guia de leitura de Fausto Castilho). Campinas: Ed. Unicamp; Uberlândia: Edufu, 2002b. Pg. 16.

2 Frederico II, conhecido como “o grande”, foi imperador de 1772 até sua morte em 1786. De grande verve esclarecida, o imperador adorava artes, literatura francesa e música. Por conta de sua predileção pelo esclarecimento atraiu para a Prússia vários intelectuais da época, entre ele Voltaire que se tornou amigo daquele. Frederico foi o principal déspota esclarecido prussiano. Cf. VIEIRA, J. *Frederico “O Grande” A consolidação da Prússia como potência europeia*. In: <http://www.pm.sc.gov.br/fmanager/pmscl/frederico_o_grande_a_consolidacao_da_prussia_como_potencia_europeia.pdf>. Acesso em 10 ago. 2016.

von Zedlitz insiste que “o pior dos compêndios é decerto melhor que nenhum e os professores, desejando e tendo bastante sabedoria, que melhorem o seu autor o quanto possam.”³

O que fazer nesse tipo de caso? Há, no mínimo, duas opções: ou se peita o governo e fica-se sujeito às agruras das severas punições (ou da heroica glória da vitória) ou se faz exatamente o que se manda. Kant não titubeou e como homem prudente seguiu as diretrizes estatais, mas mantendo sempre em mente que tal estrutura deveria converte-se em algo realmente esclarecedor e emancipatório. Um dos motivos para que Kant seguisse tal assertiva estatal era justamente a sua condição docente, pois, não obstante este conceder aulas na universidade, ele ainda não era um professor catedrático, mas apenas um *magister legens*, uma espécie de professor privado pago pelos próprios alunos. Apenas em 1770, contando com a idade de 46, o filósofo consegue a cátedra de Lógica e Metafísica na Albertina Universidade de Königsberg.⁴

Em 1755, Kant obtém em Königsberg o título de mestre em filosofia (nunca fez um doutorado), com uma tese sobre o fogo: *Meditationum quarundam de igne succincta delineatio*. Sua conferência pública de 12 de junho, *Vom leichteren um vom gründlichen Vortrag der Philosophie* [Sobre a exposição mais superficial e sobre a exposição profunda da filosofia], é ouvida por um número muito grande de pessoas dotas e ilustres da cidade. No mesmo ano Kant obtém a livre-docência com o estudo *Principiorum primorum cognitionis metaphysicae nova dilucidatio* [Nova elucidação dos primeiros princípios do conhecimento metafísico]. Passa a ser “magister legens”, correspondente ao atual “Privatdozent”, que não recebe um salário do Estado e vive dos ganhos da livre-docência e das aulas particulares para estudantes.⁵

Com efeito, todo este contexto contribuiu para a elaboração do seu *conceito de filosofia do mundo (cosmopolita)* em contraposição ao *conceito de filosofia da escola*.⁶ Outra grande influência é sua cidade natal, Königsberg que estava 3 E. Adickes transcreve parcialmente a portaria de von Zedlitz: “Das schlechteste Compendium ist gewiss besser als keines, und die Professores mögen wenn sie so viel Weisheit besitzen, ihren Autoren verbessern, so viel sie können.” Cf. Introdução à seção do espólio manuscrito (Einleitung in die abtheilung des handschriftlichen Nachlasses), Ak, XIV, p. XXI.

4 HÖFFE, O. *Immanuel Kant* (Tradução de Christian Viktor Hamm e Valério Rohden). São Paulo: Martins Fontes, 2005. p 10.

5 Idem. p 8-9.

6 “A Filosofia é, pois, o sistema dos conhecimentos filosóficos ou dos conhecimentos racionais a partir de conceitos. Eis aí o conceito escolástico dessa ciência. Segundo o conceito do mundo, ela é a ciência dos fins últimos da razão humana. Este conceito ativo confere dignidade, isto é, um valor absoluto, à Filosofia. E, realmente, ela também é o único conhecimento que só tem valor intrínseco e aquilo que vem primeiro conferir valor a todos os demais conhecimentos. A gente termina sempre por perguntar: para que serve o filosofar e o fim último do mesmo – a própria filosofia considerada como ciência segundo *o conceito da escola*? Nesse significado escolástico da palavra, a Filosofia visa apenas *à habilidade*; relativamente ao conceito do mundo, ao contrário, ela visa *à utilidade*. Do primeiro ponto de vista ela é, pois, *uma doutrina da habilidade*; do último, uma *doutrina da sabedoria*.- *a legisladora* da razão, e nesta medida o filósofo não é um *artista da razão*, mas um *legislador*.” KANT, 2002, pg. 41.

AZEVEDO, José H. A. de. Kant e a Docência... p.11-23



situada no extremo nordeste alemão da época.⁷ Ela nasceu no mesmo ano que Kant veio ao mundo (1724) a partir da unificação de três cidades (Altstadt, Löbenicht e Kneiphof) e era a capital economicamente próspera da Prússia Oriental, possuindo um porto de comércio internacional que frequentemente se via lotado pela presença de, principalmente, comerciantes ingleses, que trocavam vinhos e especiarias por gado russo.⁸ Ou seja, Kant estava cercado por informações que vinham de todas as partes do mundo, principalmente da cultura inglesa que já havia algum tempo adotara o processo de industrialização e educação liberais; esta última, tinha como uma de suas metas a efetivação da liberdade de expressão intelectual e estava em plena execução nas terras da ilha. Isto significa que a sua relação com sua cidade facilitou uma visão de mundo deveras ampliada, multifacetada e engajada.

Apesar de nunca ter saído de sua cidade natal, Kant era um homem de imaginação muito viva e, por conta de leituras de diários de viajantes (podemos dizer ser algumas de suas preferidas) tomava nota sobre o mundo e era capaz de descrever lugares sem nunca os ter frequentado.⁹ Entretanto, essa sua relação com sua cidade, com sua universidade e com os moradores revelam que o seu *conceito de Filosofia cosmopolita* está para além daquilo que os eruditos de sua época ensinavam na universidade, devendo tal relação se ater àquilo para o qual um *conceito de filosofia do mundo (cosmopolita)* tem de estar voltado. E esta sua relação para com o seu redor também se reflete em suas aulas, de modo que os compêndios estabelecidos pudessem despertar o interesse de ouvintes diversos, muitos deles homens de condição social abastada, que possuíam o entendimento de que o homem apenas poderia melhorar, progressivamente, enquanto espécie se buscar o seu objetivo último: *o fim último da humanidade*, enquanto ideal a ser seguido. Contudo, para tal, faz-se necessário um comprometimento com a humanidade e esta estava refletida nos rostos dos seus concidadãos, que assistiam suas lições, viam seus passeios, sofriam com o frio intenso e agruras de uma terra extrema.

Digo isso por conta de o próprio Kant, em compromisso com seus concidadãos e com seu redor, ter recusado, tanto no outono de 1763 quanto no verão de 1764, dois convites para ensinar, respectivamente, na Universidade de Erlan-

7 Hoje tal cidade se chama Kaliningrado e pertence à Rússia.

8 Cf. Höffe, 2005, p. 4.

14 9 “Viajar, ainda que seja apenas pela leitura de relatos de viagens, é um dos meios de ampliar o âmbito da antropologia. Mas, para ampliá-la numa dimensão maior é preciso ter primeiro adquirido conhecimento do ser humano em sua própria terra, por meio das relações com os seus conterrâneos a cidade ou do campo, se se quer saber, se se quer saber o que se deve buscar fora.” KANT, I. *Antropologia de um ponto de vistas pragmático* (Tradução de Célia Aparecida Martins). São Paulo: Iluminuras, 2006.

gen e na própria Universidade de Königsberg, posto que este último convite era referente a uma cátedra de arte poética, que incluía, dentre outras tarefas, a de redigir as mensagens de saudação ao rei.¹⁰

Portanto, Kant desenvolveu, prioritariamente, o seu *conceito de filosofia cosmopolita* a partir daquilo que via em seu redor, daquilo que experimentou enquanto homem comprometido tanto com a situação da Filosofia da época quanto com a melhoria das condições de vida de seus concidadãos e também dos homens enquanto espécie em todo o mundo cosmopolita. A sua própria condição sócio-histórica contribui para que Kant cunhasse o *conceito de filosofia do mundo* como algo concernente a sua época, algo extremamente necessário.

A concepção de ensino de Kant e o reflexo desta no seu conceito de filosofia cosmopolita

Como foi falado no subitem anterior, Kant foi professor durante mais de 40 anos em Königsberg e sua condição magisterial o fez refletir acerca do modo mesmo como os alunos deviam entender o que seja a Filosofia e o seu ensino. Desse modo, aqui se faz mister mostrar a concepção de ensino de Kant, a fim de articular tal procedimento com o seu *conceito de filosofia*, revelando os interstícios, o conteúdo programático do autor e suas influências diretas. Para tal, o texto que nos guiará será a *Informação acerca da orientação dos cursos no semestre de inverno de 1765 / 1766*.

Antes de mais nada, como também dito anteriormente, sabe-se que Kant era obrigado a dar aulas segundo manuais por uma imposição do estado prussiano. Tal procedimento era comum entre todos os professores da época e ao filósofo de Königsberg cabia escolher “os seus” entre os autores oferecidos pelo estado:

No seu caso o “autor” na verdade são dois, a saber, Alexander Gottlieb Baumgarten (1714 – 1762) e George Friedrich Meier (1718 – 1777), woffianos ambos. De Baumgarten adota três tratados: um para o curso de Metafísica (*Metaphysicae*, 1757, em latim) e dois para o de ética (*Ethica philosophica*, 1740, e *Initia philosophiae practicae primae*, 1760, também ambos em latim). De Meier, discípulo de Baumgarten, para o curso de lógica geral adota o *Extrato da doutrina da razão* (*Auszug der Vernunftlehre*, 1752), um resumo da volumosa *Doutrina da razão*.¹¹

Kant utiliza estas obras desde o seu começo como docente e o mais interessante disso tudo é que ele as usou até o fim de sua atividade docente em

10 Cf. Höffe, 2005, pg 10.

11 Cf. Apresentação à primeira edição de Fausto Castilho. In: KANT, I. Manual dos cursos de lógica geral (Tradução, apresentação e guia de leitura de Fausto Castilho). Campinas: Ed. Unicamp; Uberlândia: Edufu, 2002b. p. 16.



1797.¹² Ora, neste conteúdo programático de Kant podemos notar que ambos os autores são discípulos de outro autor extremamente influente sobre as diretrizes intelectuais da Alemanha do século XVIII e, por conseguinte, de Kant: refiro-me a Christian Wolff, discípulo de Leibniz. Wolff costumava abrir suas aulas exprimindo ao público o seu conceito de Filosofia¹³, coisa que Kant aprendeu e conservou.

Com efeito, que pese suas aulas se basearem em manuais de uso forçoso, elas não eram meras paráfrases dos autores, mas sim incluíam citações de obras que acabara de ler, assim como anedotas, contadas de vez em quando, mas de caráter pertinente à lição. Kant ensinava bem mais que Filosofia, ele inspirava o filosofar, de modo que suas aulas despertavam grande interesse devido ao estímulo à reflexão. Por ter sido também um homem socialmente muito agradável, ele era disputado pela sociedade de sua cidade natal para os jantares e as atividades sociais em geral, o que ocupava a outra parte de sua jornada.¹⁴ A sua sociabilidade é outra faceta que contribuiu para a reflexão da Filosofia como sabedoria cosmopolita, voltada aos homens enquanto espécie. Entretanto, referente às suas aulas, o seu conceito de Filosofia era fruto, dentre outras coisas, de seu vasto conhecimento em áreas diversas:

Nas suas aulas Kant revela a extraordinária amplitude de seu horizonte. Não ensina somente lógica e metafísica, mas também física, matemática e geografia física (uma disciplina acadêmica que ele mesmo introduz com muito orgulho), antropologia e pedagogia (a partir do semestre de inverno de 1772 – 1773), filosofia da religião (teologia natural), moral, direito natural (a partir do semestre de inverno de 1766 – 1767), enciclopédia filosófica (a partir de 1767 -1768) e até mesmo fortificação e pirotecnia. Várias vezes Kant chega a ser decano de sua faculdade, e nos dois semestres de verão 1786 e 1788, reitor da universidade.¹⁵

Ora, toda esta gama de assuntos durante seu período docente mostra que Kant tinha mesmo a intenção de ser um mestre e espalhar o conhecimento de modo que aqueles que tivessem acesso às suas lições fossem impulsionados a pensar de modo crítico. Isto fica claro ao analisarmos a relação intelectual en-



12 ARNOLDT, E. *Kritische Excuse im Gebiete der Kantforschung*. Ges. Werke, V, 2, Schöndörffer, Berlin, 1909; Ak, IX, p. 505.

13 “Wolff tratara esse tema, a que dá extenso desenvolvimento, como questão preliminar ao conjunto das disciplinas filosóficas, a que presidia a Lógica ou Filosofia Racional. Aí discute o conceito de Filosofia, assinalando as diferenças, quanto ao objeto, entre conhecimento histórico, conhecimento matemático e conhecimento filosófico, expõe a articulação sistemática entre as diferentes disciplinas filosóficas, discute o método próprio da Filosofia e o estilo que lhe compete, considera as condições do exercício do pensamento, designadamente a liberdade, e tece ainda algumas considerações relativas ao modo de aprender a Filosofia.” SANTOS, L. *A razão sensível: estudos kantianos*. Lisboa: Edições Colibri, 1994b. p 182.

14 HÖFFE, 2005, p 11-12.

15 Idem.

tre Kant e Wolff e seu conceito de Filosofia; relação, sobretudo, de discordância. Wolff vinha da matemática para a Filosofia e não resistiu à sua formação preliminar, considerando a matemática o protótipo de toda cientificidade, assim como também o paradigma para o saber filosófico, como era de costume à época.

Segundo Leonel Ribeiro dos Santos, “o que Wolff propriamente propõe não é a transposição do método da matemática para a filosofia, mas antes afirma a identidade originária destas ciências.”¹⁶ Tal identidade se fundaria na Lógica (coisa que Kant não concorda), uma vez que ambas seriam disciplinas racionais. O filósofo de Königsberg critica, justamente, essa atitude intelectual de Wolff, na medida em que este pensa ser uma crença que a metafísica e a filosofia se reduziriam a uma matemática dos conceitos racionais, portanto a uma Lógica da imitação, caracterizada como ilusão. O filósofo não pensa fabricando conceitos como o matemático o faz, mas sim por meio de conceitos dados no uso da razão. É, justamente, quanto à noção de uso que reside a diferença decisiva na reflexão sobre o *conceito de filosofia cosmopolita*, em contraposição ao *conceito de filosofia da escola*:

É costume afirmar que matemática e filosofia distinguem-se uma da outra segundo o objeto (**Object**) – a primeira trata da quantidade (**Quantität**); a segunda, da qualidade (**Qualität**). Tudo isto é falso. A diferença dessas ciências não pode repousar sobre o objeto, pois a filosofia trata de tudo e portanto também dos quanta, e a matemática, em parte, também na medida em que tudo tem uma grandeza (**Grösse**). Somente a espécie diversa de conhecimento racional e ou uso da razão na matemática e na filosofia constitui a diferença específica (**spezifischen Unterschied**) entre essas duas ciências, isto é, a filosofia é conhecimento racional por conceitos apenas (**aus blossen Begriffen**), e a matemática, ao oposto, conhecimento racional pela construção de conceitos (**aus der Construction der Begriffe**).¹⁷

Justamente no que diz respeito ao uso da razão que se dá a diferença entre a Filosofia e a matemática. E aqui este conceito de uso se faz decisivo para entendermos a relação entre a concepção kantiana de ensino e o seu *conceito de filosofia*, uma vez que a Filosofia enquanto matéria a ser aprendida não existe, segundo Kant, mas apenas a atitude que é o filosofar, é o uso da atitude filosófica que se faz decisivo (veremos acuradamente mais a frente). Com isso, para que seja analisada com verdadeira acurácia a concepção kantiana de Filosofia deve-se, primeiramente, expor a concepção de ensino de Kant, a fim de mostrar que esta é aquilo que possibilita o uso da razão de modo a desdobrar o seu *conceito de filosofia*.

Diz Kant que “a educação é o mais importante e o mais difícil problema

16 SANTOS, 1994b, p 182.

17 KANT, 2006, p 49.



que o homem tem como tarefa. Pois o critério depende da educação e a educação por sua vez depende do critério.”¹⁸ Com isso, há um paradoxo quanto à formação do homem cosmopolita educado em vista dos *fins últimos da humanidade*, entre um cidadão do mundo que participa da vida comum de modo que suas atitudes não visem outra coisa senão o progresso da espécie em direção ao *sumo bem*, num processo de auto-constituição do humano sem propriamente saber quais são estes *fins* e se os homens realmente chegarão a estas *finalidades*, tornando-se, de fato, humanos.¹⁹

Aqui podemos notar que a realização do homem deve se dar sob os auspícios da vida em comum e da busca pela efetividade dos ideais humanos da razão. O próprio Kant, por conta de viver esta relação com um ensino engessado pelas concepções burocráticas estatais, tem em si a ideia de que é preciso propor um ideal de educação que emancipe (tal qual os mestres das antigas escolas de Filosofia), de modo que o filósofo deve ser um *pedagogo da humanidade* (Leonel Ribeiro dos Santos)²⁰, alguém que deve guiar a humanidade, mostrando os usos corretos da razão para que aquela possa chegar enquanto espécie à efetividade do humano. Kant tinha a plena consciência que este resultado a que a razão deve chegar talvez nunca acontecerá na realidade, mas, mesmo assim, é um ideal legítimo que deve guiar os homens em sua empreitada terrena.

A realidade é: a concepção kantiana de ensino e pesquisa está profundamente vinculada ao seu contexto social, histórico e magisterial, de modo que podemos notar tudo isto ao analisarmos um procedimento seu antes dos cursos na Albertina Universidade de Königsberg, a saber, informar acerca do conteúdo e disposições intencionais do semestre subsequente, a fim de que os alunos tomem nota e, se interessá-los, inscrevam-se no curso. Primeiro de tudo devemos notar que Kant, apesar de ter alunos de várias faixas tanto etárias quanto sociais, lecionava, sobretudo, para jovens:

Toda a instrução da juventude tem em si o inconveniente de sermos obrigados a antecipar-nos aos anos com a perspectiva orientadora (*Einsicht*) e, sem esperarmos pela maturidade do entendimento, temos de dar conhecimentos tais que, segundo a ordem natural, só poderiam ser compreendidas por uma razão mais exercida e experiente. Daí nascem os eternos preconceitos das escolas, os quais muitas vezes são mais tenazes e mais absurdos do que os vulgares, e a verbosidade precocemente sábia do jovem pensador, que é mais cega que qual-

18 Apud: SANTOS, 1994b, p 178.

19 “Mediante a razão, o homem tem de conscientizar e assumir – querer – a sua natureza para que esta chegue a ser em plenitude o que em germe já é. Por isso, o que o homem é traduz-se necessariamente na forma de um imperativo ou de uma tarefa.” Idem, p 179.

20 “Não há verdadeira distinção entre o filósofo da razão pura e o pedagogo da humanidade. Daí que, o filósofo e o pedagogo, não se reconheça como um mero técnico da razão ou perito de conhecimentos racionais – um artífice da razão (*Vernunftskünstler*)- mas antes como um legislador da razão (*Gesetzgeber*).” Idem, p 181.



quer outra presunção e mais incurável do que a ignorância. Mesmo assim não é de evitar completamente este inconveniente.²¹

O instrutor da juventude, professor Immanuel Kant, tem em si a realidade do que é tentar formar seres humanos em vista dos ideais que a razão descobre em si mesma, revelando, ao mesmo tempo, uma relação entre o ensino oficial estatal e a realização dos *fins últimos* da humanidade. Vemos que a concepção de ensino kantiano traz em si a preocupação de não ser entendido a contento, ou mesmo de formar homens que também o ajudem nesta empreitada, mas que, muitas vezes, por arrogância ou falta de maturidade, tornam-se meros *técnicos da razão*, que, verbosamente, sabem manejar os conceitos cunhados durante a história da Filosofia sem a mínima preocupação para com a realidade circundante ou para com os *fins últimos* da razão. Digo isto, pois “esta é a causa por que não raro se encontram sábios (mais propriamente, gente que fez estudos) que dão mostras de pouco entendimento e por que as academias enviam para o mundo mais cabeças destituídas de senso do que qualquer outra instituição da república.”²²

Com efeito, Kant é metódico em relação a sua concepção de formação, uma vez que acredita que todo aquele que se dedica ao trato intelectual deve seguir alguns passos obrigatórios para que esteja apto a usar a razão. Pois, caso contrário, aconteceria tal qual o dito kantiano do parágrafo anterior: adentram ao mundo intelectual algumas pessoas com pouco entendimento que apenas sabem como manejar os conceitos eruditamente, mas sem a menor apreciação e visão dos *fins últimos* da razão:

Pois dado que o progresso natural do conhecimento humano é de tal natureza que, em primeiro lugar, forma-se o entendimento até chegar, mediante a experiência, a juízos intuitivos e, mediante estes, a conceitos, e que estes conceitos são, em seguida, conhecidos mediante a razão em relação com seus fundamentos e consequências e, finalmente, são conhecidas num todo bem ordenado mediante a ciência, assim a instrução terá de seguir precisamente o mesmo caminho.²³

De fato, Kant tem em mente um método bem peculiar de instrução, na medida em que envolve tanto a relação com o mundo, por meio de *juízos intuitivos*, quanto uma relação com a ordem racional dos conhecimentos, aquilo que permite a *razão* descortinar os seus próprios *fins*. Uma formação como esta reflete o próprio modelo de conhecimento racional, pois permite a todos verem passo a passo o procedimento racional e, com isso, se imiscuírem na matéria

21 Cf. *Informação acerca da orientação dos cursos no semestre de inverno de 1765 – 1766*. In: *Idem*, p 187.

22 *Idem*, p 189.

23 *Idem*.



racional de modo a reverter tudo, outra vez, para a realidade efetiva.

Kant, realmente, acredita existir um progresso natural do conhecimento humano. É sabido que o entendimento contém em si *categorias*, que permitem ao homem conhecer os fenômenos da natureza de modo a priori. Isto faz com que os homens tenham em si um germen para a educação, ou seja, somos seres que de modo a priori temos aptidão para conhecer e para sermos instruídos por meio da educação de maneira que possamos nos tornar completos. Justamente neste último aspecto entra o papel do professor e, “por conseguinte, de um professor espera-se que, nos seus ouvintes, forme, primeiramente, o homem que entende, depois, o que raciocina e, finalmente, o sábio.” Contudo, nem todos chegarão a ser sábios, “terão, no entanto, tirado proveito da instrução e ter-se-á tornado mais hábil e prudente, se não para a escola, pelo menos para a vida.”²⁴

O professor deve ter a plena consciência de quem são os seus alunos (tanto aqueles que um dia o auxiliarão na jornada do conhecimento, como professores também, quanto aqueles que necessitam de uma instrução voltada para a vida, daí a importância da Filosofia, que desde os seus primórdios antigos tentava auxiliar a vida dos homens em geral), que o ajudarão nesta empreitada em busca do *sumo bem*. Assim, um professor deve formar de modo que alguém não apenas entenda, mas raciocine, ele não deve formar eruditos, mas sábios que sabem não apenas onde estão e como manejar tais ou tais conceitos, mas sim aqueles que propõem algo à humanidade.

Com isso, um ideal de emancipação se faz extremamente importante para a concepção kantiana de ensino de modo que um aluno deve um dia tornar-se sábio, o mesmo posto do mestre, e relacionar seu saber, racionalmente, ao *mundo cosmopolita* onde vivem os cidadãos. Kant viveu este ideal de sábio, uma vez que nunca deixou Königsberg, mesmo em vista de convites tentadores para ensinar em boas universidades; como também, apesar de sua condição magisterial, conseguiu ir além da mera erudição, exigência para o cargo de professor universitário, e incitar seus pupilos a pensarem por si mesmos, pois o jovem discípulo:

Não deve aprender pensamentos, mas aprender a pensar; não se deve levá-lo, mas guiá-lo, se se pretende que no futuro ele seja capaz de caminhar por si mesmo. É uma maneira de ensinar deste tipo que exige a natureza peculiar da Filosofia (*Weltweisheit*).²⁵

24 Idem.

25 Idem.

modo conjunto com o de filósofo. Um professor que leva seu aluno nada mais faz que esconder a ignorância deste e quando este precisar pensar por si mostrará tudo aquilo que não adquiriu com seu mestre (ou pseudomestre). Kant aqui, mais uma vez, bate na tecla do uso deste aprendizado, ou seja, aquele que adquiriu apenas pensamentos e os repassa de modo acrítico nada mais faz que um desserviço à humanidade e aos seus alunos (se exercer o magistério), pois não deve ser esta sua tarefa principal. Incitar a reflexão crítica significa dar subsídios para que seus pupilos possam estar dentre as pessoas que ajudarão a espécie a seguir e caminhar em direção aos *fins racionais* requeridos.

Considerações finais: Incitação ao filosofar

Mas, faz-se mister após esta reflexão perguntar, a saber, é possível aprender a Filosofia? Kant nos responde que “o adolescente que saiu da instrução escolar estava habituado a aprender. Agora, ele pensa que vai aprender filosofia, o que é porém impossível, porque agora ele tem de aprender a filosofar.”²⁶ A filosofia não é um saber dado, que pese existir toda uma gama de conceitos cunhados durante mais de dois mil e quinhentos anos de reflexão que visam algo, sejam *essências ou fins*. Para Kant, apenas duas espécies de ciências podem ser aprendidas: as matemáticas e as históricas.²⁷

Com isso, a concepção de ensino de Kant que aparece nesta sua *Informação* mostra que Filosofia é, no fim das contas, ação, proatividade, é filosofar; esta atitude diante do mundo é de extrema importância para que possamos entender o *conceito de filosofia cosmopolita* de Kant. A formação na Filosofia passa pelo uso da *razão* e o ensino acaba por ser nada mais nada menos que imitação do mestre e não apenas meras lições de história da Filosofia, pois a ela mesma como disciplina a ser aprendida nunca existiu:

Assim, para aprender também filosofia, antes de mais teria de existir realmente uma. Dever-se-ia poder apresentar um livro e dizer: vede, aqui está a sabedoria e a perspectiva (*Einsicht*) segura; aprendei a entendê-las e a estudá-las, construí seguidamente sobre elas e assim sereis filósofos. Até que alguém me mostre um tal livro de Filosofia do qual pudesse servir-me um pouco mais ou menos como do Políbio para explicar um acontecimento de História, ou do Euclides para explicar uma proposição da doutrina das grandezas, seja-me permitido dizer que se abusa da confiança da república, quando, em vez de se aumentar a capacidade do entendimento da juventude que nos é confiada e de a formar para um discernimento (*Einsicht*) próprio mais maduro no futuro, nós a enganamos com uma filosofia já pretensamente acabada, que, para seu bem, teria sido pensada por outros; do que resulta uma ilusão de ciência, que só em certo lugar e entre certas pessoas passa

26 Idem, p 190.

27 “É possível nos dois casos aprender, isto é, imprimir, ora na memória, ora no entendimento, o que nos pode ser apresentado como uma disciplina já acabada.” Idem.



por moeda autêntica, mas que fora disso é rejeitada.²⁸

Com isso, Kant nos mostra que sua concepção de ensino está entrelaçada com seu projeto de Filosofia como algo que tem sempre de estar se renovando e agindo socialmente para satisfazer aquilo que a Filosofia é em si própria, a saber, movimento de algo intangível, na medida em que não é e nunca foi algo que se possa definir de modo inerte. Isto se faz mais importante se analisarmos o ano de divulgação desta sua concepção de ensino: 1765/1766, ou seja, isto sugere que o seu projeto de uma *Filosofia voltada ao mundo* estava maduro desde os tempos pré-críticos, período que Kant foi bem mais professor de Filosofia que filósofo. Também seu *Manual dos cursos de lógica geral* é fruto de seus anos de docência, que começaram nos idos anos de 1755 e, desse modo, podemos interpretar que Kant sempre teve em mente e nunca abandonou o seu ideal do que seja a Filosofia, conceituando-a como a disciplina mais fugidia possível, uma vez que não está dada.

Mais que isso, ele diz que “há letrados para quem a história da filosofia (tanto antiga quanto moderna) é a sua própria filosofia”²⁹ e estes representam aquilo que Kant quer combater com seu *conceito de filosofia cosmopolita*, pois isto representa romper as amarras da mera erudição em favor da consideração do *uso da razão*. Esta concepção de *uso* fará parte fortemente da base da Filosofia crítica.

Portanto, a concepção de ensino de Kant pode ser entendida tanto como aquilo que fornece a base para o seu *conceito de filosofia cosmopolita* (sem esquecermos do contexto social, histórico e magisterial do filósofo de Königsberg) quanto como o exercício do filosofar nele mesmo, por meio de suas aulas instigantes à reflexão crítica de seus ouvintes. Estes dois aspectos podem ser remetidos ao seu *conceito de filosofia* que contrapõe o modo de proceder do ensino na escola, ou a *filosofia da escola*, com a *filosofia do mundo*, uma *Filosofia de caráter cosmopolita*, preocupada em guiar as pessoas desde a juventude ao fim último a que a humanidade está, ideal e progressivamente, destinada. Assim, ambos os aspectos são altamente contributivos para o entendimento do *conceito de filosofia* de Kant.



28 Idem, p 190 – 191.

29 KANT, 2008b, p 11.

REFERÊNCIAS

ARNOLDT, E. **Kritische Excuse im Gebiete der Kantforschung**. Ges. Werke, V, 2, höndörffer, Berlim, 1909; Ak, IX.

HÖFFE, O. **Immanuel Kant** (Tradução de Christian Viktor Hamm e Valério Rohden). São Paulo: Martins Fontes, 2005. p 10.

KANT, I. **Einleitung in die abtheilung des handschriftlichen Nachlasses**. Berlim, Akademie XIV, 1975.

_____. **Manual dos cursos de lógica geral** (Tradução, apresentação e guia de leitura de Fausto Castilho). Campinas: Ed. Unicamp; Uberlândia: Edufu, 2002.

SANTOS, L. **A razão sensível: estudos kantianos**. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

VIEIRA, J. **Frederico “O Grande” A consolidação da Prússia como potência europeia**. In: <http://www.pm.sc.gov.br/fmanager/pmsc/frederico_o_grande_a_consolidacao_da_prussia_como_potencia_europeia.pdf>. Acesso em 10 ago. 2016.

* * *

AZEVEDO, José H. A. de. Kant e a docência: o ensino de filosofia em vista do conceito de filosofia cosmopolita. **Kalagatos**, Fortaleza, v.13, n.26, 2016, p.11-23.

Direitos autorais 2016 © Autor, com identificação do direito de primeira publicação da Revista Kalagatos.

Recebido em: agosto de 2016.
Aprovado em: outubro de 2016.

